

Comentário de Conjuntura

No cenário internacional, o último mês de 2022 foi marcado pela retomada do aperto das condições financeiras globais, após meses de acomodação que refletiram, principalmente, as surpresas benignas de inflação nos EUA. O índice S&P 500 recuou 5,9% no mês, encerrando o ano com queda de 19,4%, a maior desde a crise financeira de 2008. A depreciação de ativos de risco foi generalizada na economia global, reflexo do significativo aumento de juros e da redução de liquidez nas economias avançadas.

Nos EUA, o Federal Reserve reduziu o ritmo de aumento da taxa de juros, elevando a taxa dos *fed funds* em 50 pontos-base, após quatro altas consecutivas de 75 pontos base. Os dados mensais de inflação ao consumidor surpreenderam favoravelmente em novembro, ao evidenciarem forte arrefecimento na inflação de bens e energia. Por outro lado, os indicadores econômicos seguem apontando mercado de trabalho ainda aquecido, com forte criação de vagas. Na Europa, o ECB também reduziu o ritmo do aumento das taxas de juros, mas sinalizou altas de mesma magnitude para as reuniões futuras e redução acelerada do programa de compras de ativos a partir de março de 2023. Outro fator que deve impactar de forma positiva a economia no continente é o inverno mais ameno que o habitual, o que deve contribuir para manter os estoques de gás natural menos apertados e favorecer a acomodação dos preços de energia na região. Na China, o processo de reabertura econômica observado após o afrouxamento das políticas de Covid Zero trouxe perspectiva positiva para o crescimento econômico no médio-prazo, porém, com riscos, no curto-prazo, de aumentos expressivos de contaminação pelo vírus.

No Brasil, o mercado acionário foi impactado pelo movimento adverso do mercado norte-americano, agravado pela ampliação do risco fiscal da política sinalizada pelo governo recém-eleito. Os indicadores de atividade econômica seguem apontando desaceleração da economia. Apesar disso, o mercado segue com a expectativa de crescimento para o PIB em 2022 superior a 3%. No âmbito monetário, o IPCA retomou variações mensais positivas, após forte deflação no 3º trimestre. Por fim, o Copom manteve a meta da taxa Selic em 13,75% a.a., alertando para o risco fiscal no âmbito do processo de desinflação em curso.

Recursos Garantidores

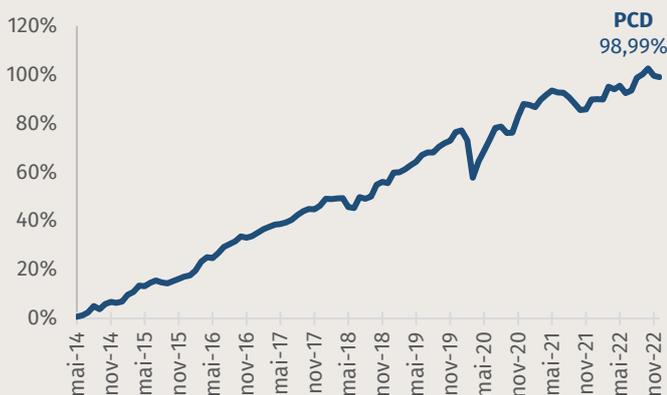
R\$ 233,4 milhões

Histórico de Rentabilidade (%)

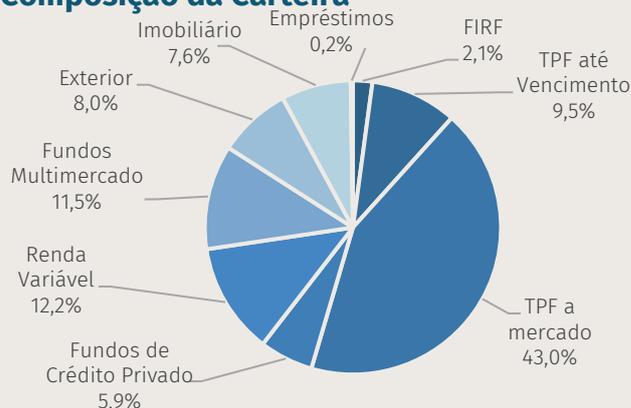
	2021			2022						12 meses	24 meses	36 meses	60 meses
	1º Sem	2º Sem	Ano	1º Sem	3º Tri	Out	Nov	Dez	Ano				
PCD - Rent. líq.	2,54	-1,51	0,99	1,36	4,03	1,19	-1,52	-0,23	4,83	4,83	5,87	12,78	36,10
Índice de Referência ^{1/}	5,82	8,17	14,46	7,42	-0,42	0,90	0,70	0,91	9,68	9,68	25,54	37,12	62,03
IPCA	3,77	6,07	10,06	5,49	-1,32	0,59	0,39	0,62	5,79	5,79	16,43	21,69	31,68
CDI	1,27	3,09	4,42	5,42	3,31	1,02	1,02	1,12	12,39	12,39	17,31	20,56	35,96

1/ IPCA + 4,0% a.a. até 2016, IPCA + 4,5% a.a. entre 2017 e 2020, IPCA + 4,0% a.a. em 2021 e IPCA + 3,70% a.a. a partir de 2022.

Rentabilidade Histórica



Composição da Carteira



Destaques de Desempenho

A carteira de investimentos consolidada do plano apresentou rentabilidade negativa de 0,23% em dezembro, influenciada pelo segmento de renda variável que desvalorizou 2,34%, repercutindo as incertezas do cenário doméstico. Por outro lado, os ativos no exterior e do segmento estruturado contribuíram positivamente no mês.

Segmento de Aplicação	Rentabilidade (%) Dez/22
Renda Fixa	-0,02
Renda Variável	-2,34
Estruturado	0,58
Exterior	0,96
Imobiliário	-0,01
Op. Participantes	0,48